

Centrão e Planalto não querem eleições no DF

A proposta de eleição no DF este ano, com um mandato-tampão para governador, coincidindo o próximo pleito em 1990 com o dos Estados, está começando a entrar em declínio e pode ser torpedeada por líderes governistas e do Centrão no plenário da Constituinte. Por enquanto, ainda não há qualquer estratégia neste sentido, mas diante das declarações do presidente Sarney de que é contra a eleição no DF em 88, até mesmo parlamentares de Brasília começam a achar que a proposta não será aprovada tão facilmente, embora até ontem contasse com o apoio de 370 constituintes.

O deputado Augusto Carvalho (PCB-DF), autor da emenda que fixou eleição para governador e para Câmara Legislativa este ano, no projeto da Sistematização — dispositivo não incluído no texto do Centrão — disse que não é hora de se sentir derrutado, mas admite

que a posição de Sarney pode influenciar o voto de muitos constituintes. De acordo com ele, a declaração do presidente não é nova, já era conhecida dos parlamentares que lutam pelas eleições no DF. Entretanto, tornada pública, depois de ele ter conseguido esticar seu mandato, leva a crer que a intenção do Planalto agora é lutar contra a proposta.

O deputado Joíran Frejat (PFL-DF também admitiu que «o movimento pode refluir». Ele disse que o presidente já tinha lhe revelado sua posição, mas ele não a divulgou com receio da influência que poderia ter em muitos constituintes. Tanto Frejat quanto Carvalho têm receio que o quorum seja baixo no dia em que a Constituinte estiver apreciando a emenda. Pensando nisso, Augusto Carvalho pretende fazer esforços para que ela seja votada no dia em que estiver sendo apreciada a anistia aos militares cassados, que

levará muitos parlamentares ao plenário.

Do lado dos representantes do Governo e do Centrão na Constituinte, ninguém defende a proposta, o que é um indício claro, embora ainda não articulado, de que pretendem lutar contra a eleição no DF este ano. O senador Rachid Saldanha Derzi (PMDB-MS), líder governista no Senado, disse que é totalmente contra qualquer tipo de eleição na capital do País. O senador assegurou que por enquanto o presidente não tocou no assunto com ele.

Os deputados Luís Eduardo (PFL-BA) e José Lins (PFL-CE) também não concordam que o pleito seja realizado este ano. O primeiro acha que a questão deve ser mais debatida e o segundo deseja que a eleição do governador do DF seja feita junto com a do presidente da República.

Partidos ainda têm esperanças

A resistência do Centrão à aprovação das eleições diretas em Brasília este ano não esfriou o ânimo dos presidentes de partidos no DF. Eles afirmaram que só acreditarão na rejeição da matéria pelo plenário da Constituinte quando este resultado for projetado no painel eletrônico. Segundo eles, os 280 votos que contam para a aprovação da matéria não estão sob a tutela do Centrão, além do que, os deputados Daso Coimbra (PMDB/RJ) e Bonifácio de Andrada (PDS/MG), lhes garantiram que o grupo não fecharia questão sobre o tema e respeitaria a posição dos parlamentares que apoiassem o pleito.

Ontem, os presidentes de partido espalharam sete painéis pelo Congresso com os nomes dos 360 parlamentares que prometeram seu apoio à realização de eleições em Brasília este ano, e, até o dia da votação do pleito no plenário telefonarão e enviarão telegramas aos constituintes para que confirmem esta posição. Prova de que continuarão a persistir na aprovação do pleito, foi a divulgação de uma nota de repúdio à declaração da deputada Márcia Kubitschek (PMDB/DF) de que o presidente José Sarney é contra a realização de eleição no DF este ano.

De acordo com os presidentes de partido, esta declaração da deputada é «inaceitável», por querer interferir nas decisões da Constituinte e tentar impedir que a «realização do desejo histórico do povo do Distrito Federal de eleger seu governador» e deputados distritais não se concretize. Neste sentido, a afirmação da parlamentar, disseram, é passível de protesto, principalmente, levando-se em conta que a deputada foi eleita pelo povo de Brasília.

Falta de quorum adia a discussão

A emenda que prevê a eleição de um governador e de uma Câmara Legislativa no DF este ano, com um mandato-tampão de 2 anos, só será apreciada pela Constituinte no final da próxima semana, isso se não houver algum impasse até lá. Com o esvaziamento da Assembléia esta semana, pelo menos dois assuntos polêmicos foram adiados, podendo influir sobre o momento da votação da emenda: a prorrogação das eleições municipais e a anistia aos militares cassados.

O primeiro assunto a ser apreciado será a eleição municipal, provavelmente na terça-feira que vem. Em seguida vem a anistia aos militares. Ainda não há acordo sobre as duas matérias e se não houver até terça-feira atrasará ainda mais a votação da emenda que trata da eleição no DF.

Vencidos esses dois impasses, há uma série de dispositivos, todos de menor importância, que tratam das normas que as Assembleias Legislativas deverão seguir para elaborarem as Constituições estaduais, os critérios para a composição inicial do Superior Tribunal de Justiça, criado na nova carta, e a estatização das serventias do foro judicial. O deputado Augusto Carvalho quer agilizar o máximo possível essas decisões para votar a sua emenda no mesmo dia.

Como presidente, Ulysses apóia

O presidente José Sarney é contra, mas o seu substituto no Palácio do Planalto, Ulysses Guimarães, defendeu ontem, diante de representantes da Frente Parlamentar Nacionalista, a realização de eleições para o Governo do Distrito Federal, ainda este ano.

O deputado Ulysses Guimarães, no exercício da Presidência da República, recebeu no Planalto representantes da Frente Parlamentar Nacionalista, que lhe pediram o apoio às teses, relativas à questão da dívida externa.

Durante a audiência, o deputado Augusto Carvalho (PCB-DF) mudou de assunto e lembrou ao presidente da Assembléia Nacional Constituinte que o Presidente da República é contra a realização de eleições no Distrito Federal antes de 1990. Ulysses respondeu: «Pois eu sou a favor, e até já assinei o apoio».

A proposta de eleições para o Governo do Distrito Federal a 10 de novembro deste ano, segundo

Augusto Carvalho, já tem o «apoio» de 370 constituintes e, embora isso não signifique exatamente o mesmo número de votos, ele acredita na sua vitória.

Ulysses Guimarães recebeu também ontem, no Palácio, o governador José Aparecido, que o visitou para conversar sobre a construção da sede do PMDB, no setor de embaixadas.

José Aparecido informou que já conhecia a opinião do presidente José Sarney, contrária à realização de eleições para o GDF antes de 1990. Ele, particularmente, disse que não é contra, nem a favor: «Eu tenho que cumprir um mandato, e este mandato está nas mãos do Presidente da República».

O governador do Distrito Federal disse que não conversou sobre o assunto com o deputado Ulysses Guimarães, e que este não lhe havia manifestado a sua opinião. O que José Aparecido sabe é que «os meus amigos acham que eu preciso descansar, e os meus inimigos querem se ver livres de mim».

Muita intenção, poucas ações

Cláudio Lysias
Editor de Cidade

Um filme italiano de meados da década de 60, categoria B mas nem por isso menos engraçado, deliciava os espectadores com a seguinte cena: a cúpula do Partido Comunista, em torno de uma farta mesa onde reinava uma macarronada, comemorava o crescimento político do partido nas eleições recém-realizadas. De repente, chegava a notícia, levada por um alegre camarada: "Ganhamos! Chegamos ao poder!" Começava então uma grande confusão. "Manobra da CIA", gritavam alguns; "fraude", bradavam outros. O PC era condenado ao poder em uma Itália ingovernável.

Cena semelhante pode ocorrer em uma reunião dos partidos políticos, aqui em Brasília, caso sejam aprovadas as eleições para o Buriti ainda este ano. Ninguém sabe ao certo se quer ou não eleições, mas os partidos tocam o barco com uma tímida mobilização para não decepcionar os eleitores. O problema é se conseguem ganhar.

O processo é como o que ocorre com as eleições municipais marcadas para novembro. Muita gente quer adiá-las, históricos do PMDB inclusive, mas poucos têm coragem de afirmar isso. Esperam que a onda cresça para que o adiamento torne-se imperioso. Basta notar a (falta de) mobilização dos partidos e a falta de pressa dos dissidentes do PMDB em formar nova agremiação, para concluir que as eleições estão mais no papel do que nas consciências. Alguém acredita que os nossos demócratas de plantão vão ficar chateados com o adiamento das eleições? Ou que Brizola, Jânio e prováveis candidatos à Presidência tenham ficado abalados com a aprovação dos cinco anos para o presidente

Sarney? Há muita distância entre intenção e gesto no Brasil de hoje.

Aqui em Brasília, temem-se as eleições para este ano porque os principais candidatos não querem se queimar em um provável mandato-tampão de dois anos, período em que seriam tratados a pão e água pelo Palácio do Planalto e não poderiam, mesmo com generosas verbas, fazer uma administração notável (no sentido de ser notada). Por isso é que os líderes dos partidos do DF estão fazendo a campanha pelas diretas-já de uma maneira tão discreta que nem o povo foi lembrado para fazer lobby no Congresso. Ao mesmo tempo, não se tem notícia de qualquer mobilização interna nos partidos ou de debates sobre programas que viabilizem uma ocupação imediata do Buriti. Aparecido assiste a tudo com indistintável satisfação.

As resistências para a realização de eleições em Brasília são antigas e fortes. Não são poucos os que defendem a indicação pura e simples de um governador pelo Presidente da República como a melhor solução política para a cidade. Argumentam que seria ruim para Brasília se o governador, eventualmente, estivesse em lado oposto ao do Planalto; e não são menos fortes os grupos que não querem uma Assembléia Legislativa funcionando na cidade.

Os partidos sabem disso, mas parecem fingir que não. Correm risco de perder espaço para os eternos inimigos de eleições se não firmarem uma posição, agora, sobre a viabilidade ou não de eleições para Brasília ainda este ano. Usando de retórica e optando pelas diretas-já apenas porque a proposta tem charme e é rentável sem que esteja sendo trabalhada com firmeza, nossos políticos correm o risco de serem surpreendidos como os italianos da macarronada.